

VOZES DE ALFABETIZADORES – PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

*Nelita Bortolotto*¹

*Gracielle Boing Lyra*²

Eixo temático: 7 Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Este trabalho, pelas coordenadas da relação eu-outro, focaliza vozes de alfabetizadores participantes de programa de formação docente de cunho nacional. O intuito é compreender valores axiológicos contidos em traços discursivos de professores formadores, quando do uso de contrapalavras emitidas em evento de relação dialógica (entrevista). A teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e Círculo embasa as reflexões. No movimento entre palavra e contrapalavra, analisa tendências para monologização ou para o diálogo no discurso narrado sobre evento de formação docente. Observou-se que, quando ocupam posição hierárquica em relação a colegas de profissão, alfabetizadores tendem a constranger a posição discursiva do colega pelo modo como ocupam o lugar exotópico que a função exercida lhes faculta.

Palavras-chave: alfabetização; discurso; formação de professores; alteridade.

Introdução

“o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro.”

“O dever concreto é um dever arquitetônico: o dever de realizar o próprio lugar único no evento único do existir; e ele é determinado antes de tudo como oposição valorativa entre o eu e o outro.”

Bakhtin (1920-24)

¹ Doutora em Educação. Professora Titular PPGE-CED-UFSC. Coordenadora do Núcleo de estudos e pesquisas em alfabetização e ensino da língua portuguesa (NEPALP/UFSC). Contato: nelbortolotto@gmail.com.

² Mestre em Educação. Doutoranda do PPGE-CED-UFSC. Membro do Núcleo de estudos e pesquisas em alfabetização e ensino da língua portuguesa (NEPALP/UFSC) e do Grupo de Professores de Língua Portuguesa (GPLP/FURB). Contato: gboinglyra@gmail.com.

Os sentidos dilatam palavras em epígrafe e convocam o olhar atento à relação eu-outro, à palavra no movimento da vida vivida. Estas linhas em impulso preliminar desenharam onde vamos assentar nossa escrita, o acolhimento teórico-analítico pelas coordenadas da relação eu-outro de palavras de docentes que ministram formação continuada para colegas alfabetizadores em programa de cunho nacional promovido entre 2013 e 2018. A escrita incidirá, portanto, na relação **eu**-formador e **outro**-professores alfabetizadores tutelados.

Compreender as relações dialógicas é determinante para a compreensão do homem social, de sua formação humana – um movimento que se faz importante também porque os sentidos se traçam no encontro de palavras e contrapalavras, encontro de pontos de vista, de sentidos e de valores com efeito tensional. Afinal, nossa existência e nossa consciência têm a marca do outro e, em reverso, este tem nossas marcas em sua existência, sua consciência. Ser, diz Bakhtin (2003), é conviver; é ser, para e através do outro, para si próprio. Nessa linha de argumento do autor, a palavra³ sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos, dado que não pode ser entregue apenas ao falante; ela exige o outro (o respondente), exige interlocução por ser fruto da relação eu-outro. Para mais, o homem “olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos ou com os olhos do outro.*” (BAKHTIN, 2003, p.341, grifos do autor).

Por este prisma, neste estudo particular perseguimos vozes que se condensam em enunciados de professores formadores orientadores de estudo, visando à compreensão ativa e responsiva destas vozes, não extraídas da corrente da comunicação discursiva humana, mas como componente dela.

Alicerça as reflexões a teoria da linguagem de Bakhtin e Círculo que enuncia nos constituirmos pela linguagem e dela sermos seus constituidores na relação que estabelecemos entre o eu e o outro. Este processo de constituição mútua é considerado ininterrupto, alterando-nos com base nas experiências sociais compartilhadas, ou seja, no decurso das relações dialógicas estabelecidas. Nestes atos, vozes sociais se encontram, põem-se em relação dialógica valorada⁴ em razão do encontro de horizontes avaliativos distintos de seus interactantes.

Faraco (2003), intérprete de Bakhtin e seguindo a tese do autor, esclarece que os dois diferentes centros de valor, o eu e o outro, são arquitetonicamente ativos e constitutivos dos atos, inclusive atos em enunciados. Diz Faraco (2003, p. 22): “é na contraposição de valores

³ Palavra, texto e enunciado na teoria de Bakhtin e Círculo são tomadas em convergência conceitual, isto é, como enunciado, sendo o enunciado tomado como unidade de sentido em relação com a vida vivida, em seu movimento (Bakhtin, 2003).

⁴ Volóchinov (2019 [1930]), em nota de rodapé, comenta sua compreensão de ideologia, a qual acolhe igualmente escritos de Bakhtin. Escreve Volóchinov (2019 [1930], p. 243), “Entendemos por ideologia todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma signíca.”.

que atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.”.

Por decorrência, falante e ouvinte não interagem com a linguagem como sistema abstrato de normas:

[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, p. 181, grifos do autor)

Disso decorre o entendimento da consciência humana habitada por multiplicidade de vozes sociais, palco de apreciações, posições, teses, crenças, teorias etc. A linguagem, estendendo seu conceito, é compreendida, então, como atividade humana, como materialização de processos da produção da vida e da cultura. Nesse caldo, entende-se a indissolubilidade entre cognição, vida hodierna e cultura, entende-se o acontecimento da construção e produção de sentidos como constituídos por sujeitos sócio-historicamente situados.

Conhecer o outro é ato de encontro, encontro com alguém que também fala. À vista disso, conhecer o outro não é estar diante de objeto de conhecimento mudo, mas de um ser que se expressa, que fala – ser que diz a sua palavra. Palavras em encontro também com outras já proferidas; palavras nossas ditas hoje, mas que perspectivam os diálogos futuros. Dizer é, portanto, ato ético.

Indo nessa direção, interpretar a palavra do outro é, como justifica Bakhtin ([1930-40] 2017), correlacionar um texto (aqui compreendido como enunciado) com outros textos e reapreciá-lo em novos contextos (no meu, no atual, no futuro). O movimento que envolve a interpretação se comportaria do seguinte modo: “o ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto.” (BAKHTIN, [1930-1940] 2017, p.67), visto que, como defende Bakhtin (2003), toda palavra (enunciado) é palavra do outro, palavra de alguém, palavra encontrada de antemão, que se torna minha-alheia e palavra própria. Contudo, reporta Bakhtin (2003, p. 326): “O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.).”.

Com efeito, sendo a palavra constituída em terreno interindividual, os sentidos que ali se constituem são transfigurados pelas posições axiológicas de um e outro partícipe da interação, que, por seu turno, manifestam, cada qual, sistemas de valores da comunidade

ampla a que pertençam.

É com o outro e pelo outro que os sentidos se constituem, isto é, na tensão da relação eu-outro, de um ser, o cognoscente (investigador) em relação com o outro, o cognoscível (o investigado). Nessa inter-relação é que se dá o acontecimento do encontro de palavras, de interação entre pesquisador e sujeito participante.

A recolha – palavra outra, palavra alheia

Tomando a fala de professores alfabetizadores na esfera da cognição (conhecimento) e em seu entrelaçamento com os campos da ética e da estética no cotidiano desse público, nosso espectro de abordagem compreenderá análise de enunciados provindos de entrevista encaminhada a profissionais envolvidos em um programa de formação continuada governamental, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)⁵. Tratamos, aqui, de um grupo de cinco professoras formadoras orientadoras de estudo (doravante orientadores de estudos), assim denominados no ambiente organizacional do programa⁶.

O convite, com questionário anexado, foi encaminhado por correio eletrônico, prevendo-se participação voluntária. Do universo da devolutiva, pinçamos respostas de duas das questões encaminhadas, pondo em paralelo, como já mencionamos, as relações eu-outro e o que se configura no universo dessas vozes postas em relação na complexa realidade que envolve a linguagem humana: a) “Na sua experiência com a formação de alfabetizadores, você percebe que há diálogo entre os alfabetizadores e as vozes expressas nos documentos que norteiam o processo de alfabetização? Justifique”; b) “Como você avalia a prática pedagógica dos professores alfabetizadores que participam do PNAIC?”

Ato contínuo, efetuamos a leitura e “escuta ativa e responsiva” das vozes presentes no material. Trazemos elementos representativos dessa lide (reação-resposta) sublinhando traços semântico-axiológicos ali presentes. A “leitura-escuta” teve o objetivo de compreender os sentidos que circulam nas respostas quando orientadores de estudo dizem o que dizem sobre si e sobre seus pares, desdobrando-se no que valoram ao dizer o que dizem mediante contrapalavras – “reação-resposta” –, na razão de onde falam o que falam (posição socioideológica).

⁵ PNAIC é um programa assumido pelos governos federal (DF), dos estados e dos municípios, visando assegurar que as crianças de escolas públicas estejam alfabetizadas até os oito anos de idade (até o terceiro ano de escolaridade). A pesquisa empírica foi desenvolvida por Gracielle Boing Lyra, uma das autoras do presente trabalho envolvida com o PNAIC.

⁶ As docentes participaram do PNAIC oferecido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa (NEPALP), da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com as secretarias estaduais e municipais. A função desse grupo era responsabilizar-se pela formação local, junto a professores alfabetizadores de seus respectivos municípios.

Algumas perguntas orientaram a análise desse material: como o formador concebe a formação por ele desencadeada? Pelo ponto vista da crítica em razão do seu trabalho ou do trabalho do outro (dos professores em sala de aula – tutelados)? O que dizem de si e o que dizem do(s) outro(s)? O que valoram ao dizer o que dizem? Como o encontro das vozes se dá no campo da ciência (conhecimentos), da ética e da estética?

Esta soma de questões, certamente entretecidas, diligencia a orientação dialógica da análise das palavras desse público que é discurso de outrem.

Vozes entoadadas – palavra presa, palavra liberta

Nesta seção, em que apelamos à contribuição da teoria do Círculo de Bakhtin para analisar a relação alteritária eu-outro, e nela as posições discursivas de profissionais orientadores de estudo do PNAIC⁷ com relação à formação continuada, trazemos enunciados e nossos comentários interpretativos. Tentamos responder em peça discursiva a inquirição guia acerca dos diferentes modos pelos quais valorações sociais entranham enunciados e ajuízam instâncias trabalhistas entre colegas na profissão.

Na cadeia discursiva da comunicação humana elementos de contextos verbais e extraverbais constituem signos, constituem enunciados que refletem e refratam o mundo. Nesse quadro, não apenas descrevemos o mundo, mas, com base em posições axiológicas construídas ao longo das vivências, interpretamos esse mundo, isto é, atribuímos juízos de valor, refratamos o mundo no ato de dizer sobre ele.

Destarte, vejamos feições valorativas em planos de linguagem que se deixam capturar por certas posições socioideológicas de professores orientadores de estudo quando se deslocam da função laboral anterior e hodierna (de professor alfabetizador) e passam a ocupar posição de orientador de estudos, agindo sobre o trabalho de outros que são seus pares na profissão. Atentemos aos registros por escrito, em reação-resposta, às perguntas que lhes foram apresentadas, particularmente no modo de se manifestar a relação alteritária quando de posse da contrapalavra às perguntas feitas. Repetindo-as: “Na sua experiência com a formação de alfabetizadores você percebe que há diálogo entre os alfabetizadores e os documentos que norteiam o processo de alfabetização? Justifique”; “Como você avalia a prática Pedagógica dos professores alfabetizadores que participam do PNAIC?”

A perspectiva de análise do elenco de resposta dos orientadores de estudo encaixa as indagações: esses profissionais orientadores de estudos olham o outro a partir de si, de seu agir próprio de sujeito também pedagogo, ou a partir do outro, do agir do outro, seus

⁷ A identificação dos sujeitos da pesquisa se fez por meio de nomes fictícios.

tutelados – olhar isento, indiferente ou não-indiferente, implicado? Como o orientador de estudos se vê ao ocupar essa posição hierárquica temporária¹ em relação a colegas com mesma formação?⁸

Acreditamos ser, em grande medida, paradoxais as contrapalavras desse público de orientadores de estudo quanto ao agir docente dos profissionais tutelados na alfabetização. O nó dialógico que açambarca as respostas é nota reiterada: se, por um lado, esse grupo está se referindo a tutelados seus, e estes sejam companheiros de ofício, por outro se põem em relação a eles como “estrangeiros” (de fora) diante do ofício em comum no que se refere a seus tutelados, qual seja, dar conta do processo de alfabetização de crianças nos três primeiros anos de escolaridade. O que diferiria é unicamente medida contingente: uns estarem na linha de frente e outros na gerência. Para mais, o cargo de orientador de estudos é indicação administrativa do governo municipal, com temporalidade demarcada.

Vejamos o dito nos excertos abaixo:

“**os alfabetizadores** conhecem estes documentos (documentos oficiais de referência teórico-metodológica), no entanto, **o que consideram no momento de planejarem suas aulas** é o rol de conteúdos. **Demonstram** preocupação com a quantidade de conteúdos a ensinar e com o escasso tempo para explorá-los.” (Raquel)

“**As professoras não estão dispostas a se abrir para o novo.** Hoje ainda (26 de setembro de 2017) **eu podia ouvir**, da sala dos professores, enquanto estava em hora-atividade, a cantilena de crianças de primeiro ano ao dizerem juntas e em alto e bom som o ba-be-bi-bo-bu e o resto das famílias silábicas. (Regina)

Notemos que Raquel e Regina não se põem em relação dialógica com suas tuteladas. Deixam de assumir relação cooperativa com o outro (suas colegas de ofício e tuteladas), manifestando-se, ambas, fora desse processo em que se previa, no programa (PNAIC), responder de modo cooperado (operado com) pela formação desses alfabetizados neste que é ponto fulcral do processo de ensino, o ato de alfabetizar, o agir em sala de aula. Havia, inclusive, previsão de remuneração para a ocupação de tutela dos pares em sua região. Ao se portarem desse modo, atribuem ao(s) outro(s) (colegas tutelados) condição de subalternidade, assumindo mais o papel de testemunhas do evento formativo do que de aliadas em um processo que se propõe ser de ensino e aprendizagem.

Nessa linha, há também aqueles orientadores de estudo que, em seu plano discursivo, incorporam elogio e crítica. Quando o tom é de crítica referente aos tutelados, demarcam posição distanciada (fora) do processo formativo ali implicado. No entanto, a crítica se faz em tom de culpa pela falta (falta algo ao outro). O outro é que não entende ou outro é que não faz. Examinemos:

⁸ Os fragmentos discursivos apresentados são representativos do conjunto dos dados.

Temos alfabetizadoras boas na Rede Municipal de Ensino. Estas buscam, a partir da formação do PNAIC, aprimorar ainda mais suas práticas, são criativas e inovadoras. Em contrapartida, **temos outras alfabetizadoras que não desempenham** bem o trabalho em sala de aula. A formação do PNAIC não representa um diferencial para **as suas** práticas, pois **não fazem conexão entre o que estudam e discutem** no grupo com o contexto de suas salas de aula. As atividades propostas são descoladas da prática, são realizadas para atender ao PNAIC e logo, deletadas. **Ficam sempre na defensiva, reproduzem um discurso vazio** [...] (Raquel)

Também aqui o docente alfabetizador é acomodado à condição de subalternidade em relação ao orientador de estudos. Em momento algum observamos nesta contrapalavra de Raquel à questão que foi lhe feita – ou em qualquer outra da entrevista – um *mea-culpa* nesta que deveria ser coexistência formativa. Pelo menos, é de esperar que o orientador de estudo tenha salto reflexivo e possa, mediante indagações por escrito, manifestar reflexões aprofundadas sobre o programa de formação e ações específicas de seus tutelados.

Caso único de contrapalavra positiva à formação do alfabetizador sinaliza a posição de escuta à voz do outro. O orientador de estudos se põe com o(s) outro(s) tutelado(s), se põe como colega, se põe em cooperação, na e pela compreensão ativo-responsiva (se põe à escuta). Notemos:

O PNAIC tornou-se um divisor de águas **na vida profissional de algumas alfabetizadoras**. A formação **nos permitiu ampliar o olhar** sobre alfabetização, as linguagens e suas múltiplas facetas – o protagonismo infantil [...] (Gisela)

Tomemos como mote de reflexão o que nos diz Faraco (2003) ao interpretar a doutrina da refração de Bakhtin e Círculo. Diz ele: “[...] a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos.” (FARACO, 2003, p. 50).

O que nos dizem, então, esses enunciados?

Estamos diante do encontro, da escuta à palavra do outro. Sabemos que as respostas de nossos informantes não deixaram de ter em conta o peso hierárquico da posição social que ocupavam no momento da investigação e nem de nossa própria posição de proponentes das questões, todavia, as duas situações não foram impeditivas de observar certas apreciações valoradas, certos sentidos, certos ditos e “não ditos” que ali vivem e morrem pela intermitência do movimento interpretativo do eu, do outro.

Sair de si e ir ao encontro do outro como outro é o que se esperaria de um formador orientador de estudo pela posição extralocalizada que ocupa na relação com seus colegas tutelados. Seus dizeres, de professor formador orientador de estudos, registraram os valores que constituíram para si, na sua singularidade, atravessados pela expressão axiológica do mundo da cultura do qual foi e é partícipe. Isto porque, como diz Bortolotto (2017, p. 10),

O lastro do que é proferido (oralmente ou por escrito) necessita ser figurado no contexto das retóricas individuais e comunitárias, no alcance das experiências culturais para prestar-se, cada enunciado a seu modo, a possíveis contrapalavras, a relações dialógicas.
[...]

a história da cultura humana se arquiteta, pelas entranhas, no pensamento dos homens, na sua memória, agindo sobre indivíduos e em sua coletividade, que se ocupam com a atualização, (re)acentuação ou negação (conscientemente ou não) dos sentidos propalados. (BORTOLOTTI, 2017, p.10)

No caso trazido aqui, perguntamos, que memória foi constituída nessa interação eu-outro marcada pela submissão do(s) outro(s) (tutelado(s)) em relação a um eu (formador orientador de estudos), se foi imperativa a surdez diante da(s) voz(es) do(s) outros, os tutelado(s)?

Considerações finais

O olhar transgrediente, excedendo visões, esculpem, na mútua relação, certa arquitetônica, certa estética do ato. O excedente de visão tanto encaminha interpretações que afirmam como negam certos sentidos. À vista disso, o horizonte almejado é creditar a rota da compreensão profunda da atividade humana, a possibilidade transformadora de esculpir, na e pela constituição mútua do eu e o outro, a humanidade na formação do homem social.

Afinal, na arte, na vida e na ciência o que nos faz responsáveis é imergir no acontecimento da compreensão ativo-responsiva, visando à (re)criação de um devir outro, com amorosidade, no sentido com que nos acautelou Bakhtin (2010), por horizontes não coincidentes, pela diferença não-indiferente, pelo encontro entre palavras e contrapalavras, pela consciência que absorve vínculos de sentido na fértil experiência afetada e endereçada ao outro.

Com guarida nas palavras de Bortolotto e Escuto (2021), em interpretação ao dito por Bakhtin, figuramos neste trabalho vozes de alfabetizadores como tentativa de compreender a vida e nossa responsabilidade diante dela. Alinhamo-nos com amorosidade a esta corrente, pois

[O] ato do encontro eu e outro (não eu) é ato de amorosidade, visto que cada qual legitima o outro como diferente si, independente de se tratar de encontro cujas relações dialógicas sejam sustentadas por amabilidades ou animosidades. A amorosidade faculta refinamento de escuta correspondente aos centros de valor do eu e do outro, faculta qualificar esse tempo em escuta

não inflexível, mas generosa, faculta tempo de escuta diligente que dignifica relações humanas porque interessada na palavra do outro, como outro, compondo “a plenitude da diversidade” (BAKHTIN, 2010, p. 129). (BORTOLOTTI; ESCOUTO, 2021)

Deixando palavras outras para trás, remetemos outras tantas ao vir a ser...

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba/PR: Editora Criar Edições, 2003.
- BORTOLOTTI, Nelita. Memórias e criação nas relações dialógicas de professores em formação. **Línguas & Letras**, v. 18, n. 39, p. 6-28, 2017.
- BORTOLOTTI, Nelita; ESCOUTO, Nívia. Formação do leitor literário na Educação Infantil: o conceito de amorosidade na teoria de Bakhtin e Círculo. In: **Literatura Infantil e Juvenil: a palavra literária (r)ex(s)istir no encontro com o outro, 2021 (no prelo)**.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, Valentin. O que é linguagem/língua? In: **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Valentin Volóchinov; organização, tradução ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.